



## A situação da Organização Operária

O Comité Confederal, numa das suas últimas reuniões, lançou as suas vidas para o problema sindical da hora que passa e verificou, como todos os militantes vinham notando, que ele é grave e require pronta e decisiva solução. Estamos realmente numa hora grave, ninguém o pode duvidar e todos o vêm constatando. Merece, pois, decididos aplausos o Comité Confederal por o ter constatado também.

Não quis, em face dos factos, ficar de braços cruzados. Pesou bem a situação, analisou os factores que a tornavam grave e, depois de ponderada discussão, resolveu publicar o parecer que *A Batalha* tem deu à publicidade.

Esse parecer é um documento importante e nela se verifica que não houve hesitação, por parte do Comité Confederal, em encarar o problema em tóda a sua crueza. E, como para grandes males, grandes remédios—grandes foram, portanto, os remédios que preconizou.

Vai agora apreciá-los o Conselho Confederal. A mesma ponderação, o mesmo desejo de engrandecer a Organização Operária animarão de certo os seus delegados. E se assim não for, piores dias estarão reservados à Confederação.

Em face da gravidade da situação, não se pode perder tempo. É preciso ação—e ação renovadora, é o que preconiza o Comité Confederal na sua nota que ontém publicado.

Sempre dissemos que na propaganda metódicamente realizada estava o segredo da vitória. Dissemos durante dias seguidos. Chegámos a desanistar, julgando que não éramos escutados. Mas não, os nossos esforços acabam de ir ao encontro dos esforços do Comité Confederal. E se, entre *A Batalha* e o Comité da C. G. T., sempre houve uma perfeita identidade de vidas, como seria lógico, e uma estreita concordância de atitudes, desta vez, com a resolução em referência essas afinidades tornaram-se maiores, criando-nos a grata esperança de que veremos coroados de êxito os nossos desejos comuns.

Estamos convencidos de que o proletariado, principalmente os seus elementos mais ativos, leu com grande atenção o parecer a que vimos aludindo. Mais do que um parecer, aquele documento é uma exortação eloquente, como que um toque a reunir das forças sindicais—que são muitas, embora adormecidas—para uma grande obra de reconstrução que urge iniciar.

Os que desejam o progresso e o prestígio da Organização Operária podem aprestar-se para o trabalho, na certeza de que encontram na C. G. T. aquele salutar ambiente de carinho e de incitamento que bem dispõe os espíritos para os mais arrojados empreendimentos.

## BREVEMENTE

começarão os leitores de *A Batalha* a tomar conhecimento de um interessante estudo económico acerca de

## O salariado

Este trabalho, que aborda a questão mais complexa para o proletariado, é firmado pelo nome mundialmente prestigioso de

## KROPOTKINE

O estudo, a que nos referimos, é ainda pouco conhecido em Portugal, apesar do seu notável valor. Entre outras razões de ordem social, foi a raridade que nos inspirou a publicação do trabalho de Kropotkin

## Em A BATALHA

Alemães e italianos entendidos

BERLIM, 17.—A Agência Wolff anuncia poder considerar-se definitivamente concluído o tratado de arbitragem italo-germânico. Por outro lado, os jornais anunciam a partida do sr. Stessmann para Roma.—H.

## Violenta tempestade

NOVA YORK, 17.—Uma violenta tempestade, acompanhada dum grande frio, caiu sobre os Estados Unidos, interrompendo as comunicações e fazendo numerosas vítimas.

## Imperialismo americano

LONDRES, 17.—O correspondente do *Times* em Havana diz que o tratado entre os Estados Unidos e o Panamá contém um artigo pelo qual aquela república se compromete a enfileirar ao lado da América do Sul, logo que esta se veja em guerra com outra potência.—L.

## INSTRUÇÃO PÚBLICA

### A responsabilidade do caos em que ela se encontra pertence a vários ministros e ao Estado, afirmou-o o actual ministro da Instrução

A mentalidade burguesa, assim por díade, dà à palavra Anarquia significado de desordem. Quando um dos serviços públicos corre desarrumadamente, o que aliás poucas vezes não sucede, alguns cavalheiros, cuja deficiência intelectual há muito tempo é manifesta, ousam proferir: reina a anarquia nos serviços...

Anarquia é, para esses mentecaptos, síntese de desordem, síntese de desmoronação e de desorientação. Anarquia, para esses burros, não tem o verdadeiro e grande significado: Paz, Amor, Harmonia.

Onde com mais frequência se emprega o estúpido sinônimo burguês é nos serviços de instrução. O lugar comum «reina a anarquia nas escolas primárias», de sediço, enfatiza:

«Um conselheiro Acácios que para si vegetava há muito tempo, entregaram-se a essa triste tarefa. Mediocres por condição inata, esses indivíduos afiram para o corpo docente das escolas e até para o corpo discente, as responsabilidades do caos em que se encontram os serviços de instrução públicos, como se professores e alunos fossem os culpados da burocracia que asfixia um país.

Vezei sem conto, com sólida argumentação, temos destruído essa parva ideia. Professores e alunos são os únicos que sofreram com a actual situação sem para ela nada terem contribuído.

Não somos só nós que o afirmamos. Não são só os elementos avançados que proclamam essa grande verdade.

Com a opinião destes estão muitas pessoas, algumas até de insuspeito conservadorismo. Mas há um outro poder que mais alto se levanta, e tão alto é que se levanta que se some, possivelmente, para as regiões etéreas...

Por isso os serviços de instrução pública têm caminhado como nós sabemos.

Ao encontro do pensamento a que nos acabamos de referir veio agora o ministro da Instrução, numa entrevista concedida a um jornal da manhã.

O dr. Alfredo de Magalhães disse verdades amargas. Produziu afirmações estupradas que horrorizaram uma população se esta fôsse composta por pessoas propensas às grandes componções.

Veja o leitor a primeira das suas afirmações:

«Ninguem se entende—acentuou. Todos os ministros que por aqui passaram—e não sei quais são—têm a mania de reformar, cada um à sua maneira, uns estes serviços, outros aqueles, de forma que tudo isto anda à matroca, a tal ponto, que sucede em muitos casos que as noções adquiri-

## Notas & Comentários

### Como o «mundo» é...

O liberalismo do Mundo sempre foi muito mal compreendido. Os desempregados, por exemplo, não souberam o «grande alcance» que, porventura, seria os anúncios a seu favor, e o resultado é que o órgão, importante para chegar ao vivo nos potenciais, ficou inerte por falta de uma vigorosa reação. Não faltam expedientes a quem muita necessidade tem de viver. E lembrou-se o jornal de S. Roque dos vendedores de jornais, persistindo na sua mania de procurar nos que nada possuem uma fonte de receita. Sistemáticamente, cotidianamente, publica o retrato de um dos seus... capitalistas. O pretexto era um maravilhoso curioso em que gravava um homem misterioso, assim, como nos cinemas. O homem misterioso devia ontem aparecer, por alturas de Santo Amaro, aos sardinhais que, toda a manhã, apregoaram o Mundo. Mas, nem este homem soube compreender a generosidade do Mundo — e não apareceu, ficando os vendedores sem o prémio reclamado.

Como o Mundo é—um jornal completo que, começando por ludibriar os redactores, acabou por burlar os vendedores. Quem quer aprender a ganhar ao jogo — toque, toque, vâa para S. Roque...

### Um homem que se compõe

Temos o sr. Trindade Coelho na diplomacia, ministro no Quirinal. Outro subtil jornalista, notável pelas suas contundentes polémicas entre românicos e itálicos de corpo 9, o nôvel diplomata vai tornar-se profundo nas suas subtletas, apenas, entre românicos.

O progresso do sr. Trindade já eliminou, pois, os itálicos, mas oxalá que a vindita dos vencidos não o atire para os normandos de caixa alta. E, o não ser que faltam, depois, as parangonas, o sr. Trindade Coelho mostrar-se-há, em toda a linha um tipo completo... Isso basta para que um homem se componha como manda o original.

### Sólidas reportagens

O sr. António Ferro — sólido jornalista, de sólida reputação profissional e séria inteligência — tem a mania de descobrir a Itália com tanta proficiência e mestria como o velho Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia. Mas como a Itália já foi descoberta há muito e o sr. Ferro não pode, portanto, fabricar outra prova que não seja sobre assunto vulgar, na sua ânsia de ineditismo lembrou-se de nos contar a vida íntima de Mussolini. Foi tão demente e probo no seu trabalho de investigação — que não de propaganda fascista — que chegamos a pôr-lhe a pregar a nós mesmos a razão por que não nos revelou ele, para completa verdade histórica, a cor das ceroulas do ditador de Itália.

### Edições de A SEMEIRIA

Práticas neo-maltusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$50

A peste religiosa..... \$50

A Liberdade..... \$50

A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82.

## INSTRUÇÃO

### Universidade Nacional de Instrução e Educação

Continuam abertas as matrículas todos os dias das 10 às 16 e das 19 às 23 horas, na sede da 2.ª secção dessa Universidade, instalada na rua do Paraíso, n.º 28.1. para os cursos diurnos e nocturnos de primeiras letras, instrução primária, trabalhos manuais, caligrafia, português, francês, aritmética e escrituração comercial, podendo inscrever-se nestes cursos como alunos, todos os indivíduos de ambos os sexos, crianças e adultos de qualquer profissão.

Nos próximos meses de Janeiro e Fevereiro iniciar-se-hão numa série de festas educativas e instrutivas cujo produto reverterá em benefício desta secção.

### Uma festa no Ateneu Comercial

Realiza-se amanhã, pelas 14,30 horas, no Ateneu Comercial de Lisboa, uma festa de Natal, promovida pela Cruzada de Proteção à Orfandade Feminina. Haverá uma sessão solene, vários recitativos, distribuição de brinquedos e baile, havendo, também, concerto de «Jazz-Band».

### Uma festa no Ateneu Comercial

Realiza-se amanhã, pelas 14,30 horas, no Ateneu Comercial de Lisboa, uma festa de Natal, promovida pela Cruzada de Proteção à Orfandade Feminina. Haverá uma

sessão solene, vários recitativos, distribuição de brinquedos e baile, havendo, também, concerto de «Jazz-Band».

### Uma festa no Ateneu Comercial

Realiza-se amanhã, pelas 14,30 horas, no Ateneu Comercial de Lisboa, uma festa de Natal, promovida pela Cruzada de Proteção à Orfandade Feminina. Haverá uma

sessão solene, vários recitativos, distribuição de brinquedos e baile, havendo, também, concerto de «Jazz-Band».

## PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## SINDICALISMO E ANARQUISMO

## UMA TESE CEDIÇA

Já um consciente militante sindicalista, em dois sensatos artigos inseridos neste jornal, rebatou duma maneira fulminante as peregrinas objecções que foram opostas ao meu singelo escrito de 28 de mês passado. Porém, se no que concerne à parte própria doutrinária o assunto se pode considerar esgotado, não devo contudo abster-me de expor o que se me oferece quanto a outros aspectos da discussão, e para essa éfesa assim considerado, visto que é um conjunto de princípios que, reunidos, formam um corpo de doutrina, não sucede a mesma coisa com o liberalismo, que não é tal doutrina, mas intuição, sentimento, movimento, assim à laia de luminárias. O pior é que de tais luminárias sai uma luz muito mortiça, e tão morredora é que o meu contraditor considera liberalismo — que eu, na boa companhia de elementos avançados, distingo de anarquismo — como doutrina, quando é certo que se o anarquista, como sistema filosófico, tem de ser assim considerado, visto que é um conjunto de princípios que, reunidos, formam um corpo de doutrina, não sucede a mesma coisa com o liberalismo, que não é tal doutrina, mas intuição, sentimento, movimento, assim à laia de luminárias.

E, sem mais detença, passo a entrar em matéria.

Comprecei por dizer que nem numha pessoa de bocé que tenha seguido a minha acção no movimento operário pode ter dúvida acerca da espécie de sindicalismo que defende. Afugila-se-me, porém, que até mesmo aquelas criaturas que só me conhecem através desta minha série de escritos — e não é este o caso do meu contraditor — concluirão sem esforço que o sindicalismo — que é o que preconiza a ação directa, a desunião — é o que visa a abolição das classes, o que quer dizer que não pode ser senão o sindicalismo revolucionário.

Mas está visto que o meu contraditor ignorava esse porreiro, ou antes, convolava-lhe alegar ignorância, para tirar deduções que eu, se não estivesse empenhado em manter-me com correção neste debate, classificaria com o termo próprio. E, ao mesmo tempo que acusa a existência dumas seis ou sete espécies de sindicalismo operário (que de outro não tenho ocupado), com o que chama sindicalismo patronal — que é tão parecido como um lacrau com um mastodonte — prossegue com intrepidez na defesa da tese de que o sindicalismo revolucionário é, «por conjectura, por indole, por qualidade intrínseca, anarquista», tese deducida de um ladrão de casa de vinte anos pelos avançados que então a sustentaram, o que significa que o meu opositor, a pesar de se afanar de ter pé leve, anda assaz recuado nestes assuntos. Ora se isto é inadmissível em pessoas medianamente desempenhadas, multíssimo mais, é em anarquistas, que para o serem dum maneira completa têm que mostrar-se espíritos progressivos e não rotineiros, conservadores, dogmáticos.

Pretendo convencer que quem se não prosterna perante a Autoridade é forçoso anarquista, reincidente, é claro, na afirmação de que liberalismo é a mesma coisa que anarquismo e, muito ancho com a desacordada, enche o perido de sindicalismo revolucionário, para se passar a fazer anarco-sindicalismo. Que unidade não é união, sentença o meu contraditor, e a propósito faz uma divagação, para concluir que os dois termos se contradizem, o que não contesto, I

deverendo, porém, ajudar que já havia lido isso no mesmo autor em que recolheu a lição, isto é, em Hamon. Para o caso o que todavia mais importa é o sentido da palavra e não a palavra em si e, sob este aspecto, nego que as massas operárias não dêem ao termo unidade o mesmo significado que liberdade, porque não fazem a distinção que lhes é atribuída. E a corroborar o que venho de afirmar está a circunstância do meu primeiro artigo, não haver mostrado sobre esta particularidade a reticência que agora apresenta, pois falam então mais vezes em unidade que em liberdade, pelo que tenho que consignar uma reviravolta da sua parte.

E agora devo declarar que, ao contrário do que insinua o meu antagonista, não me sorrio ironicamente do idealismo anarquista, nem tampouco tenho qualquer animadversão às pessoas que esse ideal seguem, antes me merecem o maior respeito, como respeito igualmente me merecem todos os indivíduos que com sinceridade perfillam quaisquer princípios, ainda que estes sejam diametralmente opostos aos meus — se é que dão licença que um sindicalista tenha princípios próprios.

Uma coisa é, porém, respeitar o ideal anarquista, outra contestar a afirmação de que a existência do sindicalismo se deva exclusivamente a esse ideal.

Porque é que um sindicalista tem que ser igualmente respeitado?

Falando do Congresso de Tomar, contesto ao meu contraditor que dessa reunião tenha saído a unidade operária, afirmando que, pelo contrário, a desunião perdurou antes e depois de 1914, embora mais adiante, contradizendo-se, confessando que «bastou a revolução russa para que os campos se estremecessem», o que, como é óbvio, anula a assertão anterior.

## O CASO DA FIGUEIRA DA FOZ

## Mais decisivos do que a calúnia, os fatos provam a verdade das nossas revelações

Ficam à vista, perante a consciência pública a hediondez de uma aristocracia degenerada e a torpeza de um calunião

COIMBRA, 13. — Deitadas por terra as afirmações mentirosas da nota-oficial do sr. Joaquim Pereira Monteiro, administrador do concelho e delegado do governo na vizinha cidade da Figueira da Foz, e a que o Figueirense ligava extraordinária importância, restava nos pulverizar todo o drama de inexactidões, urdiido pelo pasquim de Gomes de Almeida, com o intuito evidente de desorientar a opinião pública. Com o objectivo de repos as coisas nos seus devidos lugares, fomos ouvir de novo à Figueira, sobre este já célebre assunto, entre outras pessoas, a família da vítima da temerosa ecorrência só jardim da residência do sr. Fernando Mendes.

Damos hoje aos nossos leitores inteiro conhecimento do que apurámos sobre este caso, para rectificação do relato de O Figueirense.

## O que referem os pais da vítima do acto brutal de homens "concluídos"

Deu-se começo à entrevista com o «chauffeur» Bento de Moura e sua esposa D. Mariana de Jesus.

O Figueirense afirma que no dia da ocorrência, em consequência da visita dos ministros da Justiça e do Comércio, o momento na Figueira era intenso...

— Sim. Mas à hora do assalto andava a multidão acompanhando os ministros na sua visita às obras da Barra, e por tal motivo na rua das Páreiras o movimento era, como quissem ser, insignificante; sendo, por isso, fácil aos assaltantes, realizar os seus planos, sem serem presos.

O Figueirense nota, que a esposa do sr. Bento Luís de Moura, a princípio, alarmou a vizinhança com a descrição dum tentativa frustrada de roubo das pratas do sr. Mendes...

— Nos primeiros momentos de confusão, ignorando-se tudo o que se passara, era natural que se supusesse tratar-se dum tentativa de roubo à casa dum pessoa ausente.

— Custa a acreditar o Gomes de Almeida que a sr. D. Maria de Jesus Moura não gritasse por socorro, ao ver a filha no estado em que diz tê-la encontrado...

— Isso só se explica pelo violento choque que eu sofrí — iria-nos a esposa de Bento Luís. Quando se é assaltado por tão grande comoção, muitas vezes sucede que a atrapalhada nos impede de falar, como que a prender-nos a fala. De resto, de nada me valia gritar, naquele local em que por vizinhança havia apenas uma família, a quem não ligava grande intimidade e que habitava num prédio isolado bastante do jardim, ao contrário do que aquele jornal afirma. Ali, o que havia a fazer era transportar com urgência minha filha para casa e socorrer-lá. Fei o que fiz.

— Mas como conseguiu fazer tal sem atrair as atenções de alguém, durante o trajecto pela rua?

— Não sei se alguém me teria notado. Mas não seria extraordinário que tal sucedesse, se a rua, como se sabe, é pouco concorrida, principalmente em dia de festa.

— Como explica que a Margarida, fosse amordada, sem soltar um grito?

— Olhe, um homem não gritaria, se em circunstâncias iguais, lhe aparecessem de improviso dois mardaricos, de pistola em punho, a impor-lhe silêncio — explicou-nos Bento de Moura — quanto mais uma rapariga, que é quase ainda uma criança. Fácil foi aos bandidos, pelo terror que estabeleceram, amordacá-la e arrastá-la para debaixo de camancharão, onde a violentaram.

— E como explica também o facto de a cadelha da casa se ter conservado silenciosa?

— A cadelha conserva-se silenciosa até mesmo na presença de pessoas desconhecidas. Basta que essas pessoas pronunciem o nome da cadelha, como provei na presença do agente José Augusto e do sr. Fernando Mendes, que ficaram boquiabertos e de cara à banda, perante tal experiência.

— Diz o Figueirense que a Margarida, segundo relato sua esposa, foi amordacada para não gritar, mas os braços ficaram-lhe livres, o que lhe permitiu, se quisesse, tirar a mordaca e gritar...

— Os braços de minha filha apresentavam, nos primeiros dias, nódulos, sinais evidentes de que lhos amarraram enquanto lhe era aplicada a mordaca que deveria ter embrida qualquer matéria narcotizante.

## Um médico sem escrúpulos e sem moral

— É verdade que «tendo-se o dr. sr. José Calado, mais de uma vez, oferecido para ir à Margarida e prestar-lhe os socorros médicos de que ela necessitasse, sua esposa não haja aceitado e nem consta que tivesse chamado qualquer outro médico para socorrer sua filha?»

— É falso. Solicitado por minha esposa e por minha filha mais velha, o dr. Calado não acedeu ao convite para examinar a Margarida e socorrer-lá, limitando-se a visitar o local da ecorrência. Quando tive conhecimento do relato de O Figueirense, apresentei-me a pedir explicação ao dr. Calado. Este corroborou as alegações de Gomes de Almeida — e eu chamei-lhe pitinha, publicamente, porque ele tinha tido o desceramento de mentir, na minha cara.

— É igualmente falso que eu não haja chamado outro médico — acrescentou a esposa de Bento de Moura. Depois da atitude do dr. Calado, procurei o dr. Aguas, que não estava em casa. Isto é confirmado pelo depoimento da criada do dr. Aguas.

— Foi ainda devido à altitude anterior do dr. Calado — acrescentou ainda o «chauffeur» Bento de Moura — que a Margarida, quando o sub-delegado de saúde, dr. Calado, veio a minha casa, na dia seguinte, por intimidação da autoridade administrativa, respondeu àquele médico, que dispensava os seus serviços.

— É certo ter, então, o dr. Calado entronizado sua filha sentada na cama e vestida como se estivesse para sair?

— Falso! Minha filha não estava sentada, mas sim deitada na cama, coberta com uma manta de viagem, queixando-se de frio, não obstante estar-se em Agosto. Não me admirarei, contudo, agora, se o dr. Calado negar também isto.

— O mesmo jornal, de 21 de Outubro, publicava que, passados dois dias, quando o sub-delegado de saúde se propunha examiná-la por ordem da autoridade, a Margarida mostrava-se perfeitamente disposta, tão bem disposta que, acto continuo, comparecia na administração do concelho, com atitudes tais, que denotava bem que estava em perfeito estado de boa saúde. Que diz a isto?

— Digo que são simplesmente ignóbeis os processos de que elas lançam mão para se defenderem. Tudo isso é mentira. Minha filha apresentou-se simplesmente indignada com o procedimento das autoridades. Ela mentira, também que minha esposa tenha dito que a Margarida estava em tal estado que não podia ser examinada nem visitada — quando toda a gente sabe que a minha casa vinha só com querer.

— Sua filha teria alguma vez, nalgum interregno, afirmado que não reconheceria nenhum dos assaltantes?

— O Figueirense dá voz também a essa mentira, inventada não sei por quem. Posso afirmar que isso não é verdade. A Margarida, até mesmo na presença do dr. Diogo Xavier, com quem foi acarreada, manteve sempre a mesma afirmação, que reconheceu pela voz um dos assaltantes — o dr. Diogo Xavier. Disse sempre também que o outro assaltante era mais alto e não da mesma altura, como caluniosamente refeita o Figueirense.

— Sim. Mas à hora do assalto andava a multidão acompanhando os ministros na sua visita às obras da Barra, e por tal motivo na rua das Páreiras o movimento era, como quissem ser, insignificante; sendo, por isso, fácil aos assaltantes, realizar os seus planos, sem serem presos.

— O Figueirense nota, que a esposa do sr. Bento Luís de Moura, a princípio, alarmou a vizinhança com a descrição dum tentativa frustrada de roubo das pratas do sr. Mendes...

— Mas isto é uma calúnia infamíssima, só própria do Gomes de Almeida. As coisas passaram-se como lhe vou contar:

— Logo que na Administração do Concelho apresentei participação do sucedido, falei ao administrador no exame médico-legal.

— E ela estará de acordo? — inquiriu aquela autoridade.

— Que remédio, se é necessário!... — respondeu.

— Calou-se o administrador. Dias depois, defronte do Casino Oceano, o agente Fernandes, ao tempo secretário da Administração do Concelho, a quem falei no exame, obtemperou-me que não tivesse pressa, que o exame podia ser feito daí a três ou quatro meses, que o resultado era sempre o mesmo.

— E somente catorze dias depois, é que o administrador me disse, em face da minha contínua insistência: — Homem, em vista de você insistir tanto, faz-se o requerimento mesmo aqui.

— Fui ter com o dr. Juiz, o dr. delegado, o dr. Aguas e o dr. Calado, para se proceder ao exame, que se conseguiu fazer no mesmo dia.

— Talvez devido a essa prorrogação, de que só o sr. administrador é culpado, e que o resultado do exame médico-legal afirma a existência de vestígios dum desfigramento já consumado há algum tempo e o exame da parteira registra sintomas dum desfigramento recente.

— O que verdade há na afirmação do Figueirense? — apresentada em Juízo não se aponta o nome do dr. Xavier?

— Veja lá, que atos nos mais pequenos delitos se revela a má-fé com que Gomes de Almeida procede. Note que à data do relato do Figueirense não havia eu feito ainda participação da ecorrência para Juízo. Ainda mesmo não fiz.

— Há, porventura, na contra-campanha do sr. Gomes de Almeida, mas algumas inexactidões, além das que destaquei?

— Há ainda outras mentirolas de sonorous valor, que não é preciso refutar, tão mal urdidas elas são.

— Pela refutação destas o público que avale a veracidade das outras afirmações.

— Ficam assim destruídas todas as calúnias de Gomes de Almeida, defensor de bodeiros e pedrastas.

— O Figueirense recolheu a fala do bicho. Nem corrigem tem, para provar a chantagem de «A Batalha», o pulha. — C.

## Pôrto de Lisboa

Sob a presidência de Augusto Carlos Rosa, reuniu ontem a Comissão Mista de funcionários e assalariados nomeada na assembleia magna, efectuada no dia 14 sendo resolvido oficiar-se ao ministro do Comércio a solicitar uma audiência para a entrega da representação aprovada nesta assembleia que aponta os inconvenientes do arrendamento do Pôrto de Lisboa a uma empresa particular indicando a melhor solução para o seu encadeamento.

Foram também deliberado oficiar-se ao administrador geral do pôrto, pedindo as facilidades necessárias para o bom desempenho por esta Comissão da missão que lhe foi imposta.

Mais foi resolvido nomear João António Furtado, João António Carvalho e José de Sousa, para constituir a mesa dirigente dos trabalhos da mesma comissão.

## RENDIMENTOS DOS OPERARIOS

No pôsto da Cruz Vermelha do Terreiro do Pôrto, recebeu curativo, recolhendo em seguida à enfermaria de São Francisco do hospital de São José, Manuel Marques, de 28 anos, trabalhador, natural de Fornal, residente na estação de Santa Apolónia e que foi colhido por uma taboa ficando muito contuso pelas costas.

— Na enfermaria de Santa Joana, do hospital de São José, deu entrada Edwiges Assunção, de 17 anos, serviçal, natural de Murça, residente na rua Carlos José Barreiros, 7, 1.º, d.º, e que ali ficou muito queimada com banha fervente.

## Teatro Apolo

Tel. 5319 N.  
Companhia Almeida Cruz  
HOJE e todas as noites  
2 sessões 2 às 8,30 e 10,30  
com a espirituosa opereta

**MOURARIA**  
em 3 actos, original de Lino Ferreira,  
S. Tavares e L. Lacerda, musicada  
pelo maestro Flávio Dacrie.

Protagonista:  
**Adelina Fernandes**

**PREÇOS POPULARÍSSIMOS**  
Camarotes, 35\$00; 20\$00; 10\$00. Fauteuils, 9\$00. Cadeiras, 6\$00.  
Geral, 2\$00

TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 horas — Soirée às 8,45

**SOEURS WALTZ**

Dansinhas francesas. O que de melhor tem! parecido no gênero e que tem dada lugar a colossais encheres, quer nas «matinées» quer nas «soirées»

**THOMAZ VIEIRA**

Popular actor cômico

**EUGENIA FERNANDEZ**

Bailarina. Grande êxito no «charleston»

DESPEDIDA da graciosa dançarina

**TERESINA GIRASOL**

CONCERTO pela FOZ MELODY BAND

No «écran»: — «Divorce-mo-nos» 7 partes

TEATRO NACIONAL

Telefone N. 3049

Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha

A's 21 horas: — A representação da tragédia em 4 actos e 17 quadros, de Lenormand

**O HOMEM**

E OS SEUS

**FANTASMAS**

A'manhã — A pedido, a célebre peça

**O PARALÍTICO**

Notável trabalho de Alves da Cunha

Tribunal dos Arbitros Avindoros

A Comissão Administrativa resolveu indicar ao ministro respectivo, os nomes dos seguintes advogados, a fim de entre estes serem escolhidos o juiz presidente e os vice-presidentes do Tribunal dos Arbitros Avindoros:

Dr. Humberto Peixoto, Augusto Relento da Cunha, João Luiz Augusto das Neves, José Lirio, António Rebelo, António de Oliveira e António Esmesraldo.

Intimação para abandono dum

Por resolução da Câmara vão ser intitulados os srs. José de Figueiredo, Henrique Alberto Ferreira, Alvaro da Fonseca e Aurora Augusto Alves que gratuitamente residem no prédio da Rua Estevão Pinto, 7-A e 8-A, pertencente ao ministro das Finanças e que este emprestou à Câmara para ocasião dos demoramentos; a abandonarem aquele edifício imediatamente sob pena de todo o mobiliário ser removido para a Abegonia Municipal.

— E somente catorze dias depois, é que o administrador me disse, em face da minha contínua insistência: — Homem, em vista de você insistir tanto, faz-se o requerimento mesmo aqui.

— Fui ter com o dr. Juiz, o dr. delegado, o dr. Aguas e o dr. Calado, para se proceder ao exame, que se conseguiu fazer no mesmo dia.

— Talvez devido a essa prorrogação, de que só o sr. administrador é culpado, e que o resultado do exame médico-legal afirma a existência de vestígios dum desfigramento já consumado há algum tempo e o exame da parteira registra sintomas dum desfigramento recente.

— O que verdade há na afirmação do Figueirense? — apresentada em Juízo não se aponta o nome do dr. Xavier?

— Veja lá, que atos nos mais pequenos delitos se revela a má-fé com que Gomes de Almeida procede. Note que à data do relato do Figueirense não havia eu feito ainda participação da ecorrência para Juízo. Ainda mesmo não fiz.

— Há, porventura, na contra-campanha do sr. Gomes de Almeida, mas algumas inexactidões, além das que destaquei?

— Há ainda outras mentirolas de sonorous valor, que não é preciso refutar, tão mal urdidas elas são.

— Pela refutação destas o público que avale a veracidade das outras afirmações.

— Ficam assim destruídas todas as calúnias de Gomes de Almeida, defensor de bodeiros e pedrastas.

— O Figueirense recolheu a fala do bicho.

Nem corrigem tem, para provar a chantagem de «A Batalha», o pulha. — C.

## TEATRO AVENIDA

## CAMBIOS

| Países                | Compra | Venda |
|-----------------------|--------|-------|
| Sobre Londres, cheque | 9500   |       |
| Madrid cheque         | 3001   | 579   |
| Paris, cheque         | 5785   |       |
| Suíça                 | 274    | 19500 |
| Bruxelas cheque       | 784    |       |
| New-York              | 88     | 235   |
| Amsterdão             | 585    | 524   |
| Itália, cheque        | 2377   | 2377  |
| Brasil                | 467    |       |

## CONSELHO TÉCNICO

DA

## CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadres, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as provéncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-4, 2º

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

## FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

## PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

## PELARIA CONFIANÇA

3 — Rua da Palma — 3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de malinhas para senhora, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros &amp; Jesus

TELEF. N. 3601

## Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Prémios maiores .. | 4:000.000\$00

Bilhetes a 1.100\$00 e quadrigésimos a 27\$50, cauetelas a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

## Campeão &amp; C.ª

116, RUA DO AMPARO, 116

LISBOA

## A PRESTAÇÕES

Fatos, calçado, sobretudos, peluches, roupas brancas, chapéus, artigos de lã, peles, capas e todos os artigos próprios da estação, mobiliários em ferro e madeira, —na antiga e acreditada casa da Rua António

Pedro, 52.

## Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando Narciso — 5 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.

Rins, rins urinários — Dr. Miguel Magalhães — 13 horas.

Pés, fíbulas — Dr. Correia Figueiredo — II e III

5 horas. Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.

Doenças dos ossos — Dr. Mário de Matos — 2 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 31

horas.

Doenças das membranas — Dr. Emílio Paiva — 2 horas.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12

horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Câncer e rádio — Dr. Cabral de Melo — 1 hora.

Raio X — Dr. Aleu Saldanha — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriel Beato — 1 hora.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50

Pedidos à Administração da

A BATALHA

Lede o Suplemento de A BATALHA

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de um amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón, — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

## Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano desse interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice) 20\$00.

Capas e índice em separado, 13\$00

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

Depósito: "Livraria Renascença",

rua dos Pelais de S. Bento, n.º 27 — Lisboa.

## O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Livraria de A BATALHA

## OBRAS DE LITERATURA, SCIÉNCIA E ENSINO

|  |        |
|--|--------|
| Abel Botelho — Amanhã .....  | 16\$00 |
| Alexandre Herculano  |        |
| Lendas e Narrativas (2 volumes)  | 18\$00 |
| Cartas (2 volumes)   | 18\$00 |
| História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.) | 27\$00 |

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckino. Preço 1\$50.

Adolfo Lima

Contrato do Trabalho .....

Educação e ensino .....

O ensino da história .....

Aquilino Ribeiro

Contracto do Trabalho .....

Educação e ensino .....

O ensino da história .....

Augusto Machado — Impossível rendimento (novela)

Augusto de Sousa — Folhas perdidas (Fados)

Bento Faria — Missa nova (teatro em verso)

Bento Sanglé — A loucura de Jesus ..

Buckner — O homem segundo a ciência ..

Charles Darwin — Origem das espécies ..

Campos Lima

O Estado e a evolução do Direito .....

O Amor e a Vida .....

Ceia dos Pobres .....

A Revolução em Portugal .....

Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela)

Duarte Lopes — Frei Sangue .....

Eça de Queiroz

O crime do Padre Amaro .....

O primo Basílio .....

O Mandarim .....

Os Maias (2 vols.) .....

A Relíquia .....

A Cidade das Serras .....

Fradique Mendes .....

Casa Ramires .....

Proetas Bárbaras .....

Ecos de Paris .....

Cartas Familiares .....

Cartas de Inglaterra .....

Minas de Salomão .....

Notas Contemporâneas .....

Últimas páginas .....

Contos .....

Ernesto Haesel

História da Criação .....

Origem do Homem .....

Os enigmas do Universo .....

Monismo .....

Religião e evolução .....

As maravilhas da vida .....

Faguet — Iniciação filosófica .....

Faria do Vasconcelos

Problemas escolares .....

Por terras de além mar .....

Ferreira de Castro

Sangue Negro .....

Séndas de Lirismo e de Amor .....

A Peregrina do Mundo Novo .....

F. Castro e E. Faria — A Bóca da Estrela .....

Flammarion

Iniciação astronómica .....

Contos de fadas .....

Como acabará o mundo? .....

Os habitantes dos outros mundos .....

Felix de Dantec — As influências anestésicas .....

Fidélio de Almeida

Lisboa Galante .....

Estâncias de Arte e Saúde .....

Figuras de destaque .....

Actores e Autores .....

Contos .....

A Esquina .....

Aves Migradoras .....

Barbeiro, Pentear .....

Cidade do Vício .....

Pasquínadas .....

Pás das Uvas .....

Saibam quantos .....

Vida errante .....

Vida árctica .....

Guerra Junqueiro — A morte de D. João .....

Musa em férias .....

Os Simples .....

A velhice do Padre Eterno (Ed. da cadernação de luxo) .....

Brochado .....

Gordil — Os Degenerados .....

Os Vagabundos .....

Na Prisão .....

Ibsen — Espectros .....

Casa de boucas .....

Jacquinet — História Universal, 2 v.

Jaime Cortezão — Adão e Eva (teatro) .....

José Benevides — A ciência redentora (novela) .....

Jesus Peixoto — O mestre geral (novela) .....

S.25

Jorge Teixeira — Gatos de Luva Branca — A Escómala (peças de teatro) .....

# A BATALHA

Ler amanhã:  
UNIDADE SINDICAL  
por A. BOTELHO



NO CONCÍLIO DOS BISPOS

## Dorme o Espírito Santo

### praguejam os teólogos

Nesta altura o sr. bispo da Guarda, atormentado e comeido, dirigiu-se à capela mór e caiu de joelhos, mãos erguidas ao céu, exclamou:

— Spiritus meus atennabitur. (Job, 17,1).

— Isso foi sempre. Por isso conlui com o verso 15: *In profundissimum infernum descendunt omnia mea.*

— Misericordia mei Deus...

— Rezo de preferência o v. 11: *spiritum rectum innova in visceribus meis.* Disso é que precisas... Mas, proseguindo. Eu podia documentar ainda a minha tese com um sem número de passagens, mormente do *Eclesiasticus*, onde a mulher é posta no lugar que lhe compete. Não o farei, porém, atendendo ao muito que temos ainda a desfiar, noutras matérias. Exijo, no entanto, sr. Presidente, que me seja permitido, a fim de justificar inteiramente o meu ponto de vista, ler em voz alta, para que todos oíam, as divinas palavras que distastes ao profeta Ezequiel e a Santa Igreja registou nesse cap. XVI...

O Patriarca de Lisboa, cujos anos bastante pesam já, ao ouvir semelhante proposta não se pode conter, e erguendo-se do sólido, caminhou para o centro dos conselheiros, aos quais se dirigiu nestes comovidos termos:

— Estou velho, senhores para sofrer tão grande prova. Por caridade, deixem que eu morra na esperança de que a Igreja ainda pode salvar-se. Por quanto o que nós estamos presenciando, neste santo lugar, indica não estar longe o *dies irae* que os seus inimigos há tanto lhe preparam. E, o que é mais triste ainda, não são apenas os profetas que lhe vêm cavançando a sepultura. Aqui mesmo, alguém que foi ungido, parece empenhado em querer, sem demora, amortear-lhe em seguida pregar-lhe as tâbacoas do caixão...

O orador que estava no uso da palavra, ao ouvir um semelhante á parte, que tomou como afronta, deu um pesado murro na trincha, ao mesmo tempo que exclamava, em voz que longamente reboou de nave em nave:

— Senhor Cardeal e Patriarca: todos poderiam insultar-me, trazendo para aqui torturas insufladas, menos V. Eminência que representa aqui o Vigário de Cristo. Protesto com toda a veemência da minha alma! Tanto mais estando eu dentro da ordem e defendendo a moral que V. Em.<sup>o</sup> deixou de observar e respeitar, porque deixou introduzir no santuário o eufórico aquela «que entra como a vaca lasciva» de que nos fala Oseas (4-16), servindo apenas para nos perturbar e dar a morte, como ainda agora demonstrava.

— Não apoiado!

Era o sr. bispo do Funchal que se erguera do canto onde tinha recolhido o seu espanto.

— Senhor bispo, regresse ao prudente silêncio a que se recolheu, ou se quiser, à sua ilha do Atlântico e deixe em paz nossas ovelhas.

— Não apoiado! Fora, foral!

Era o tumulto, desencadeado pelas palavras pouco serenas do orador. Alguns bispos chegaram, mesmo a pegar em cadeiras para agredir o insolente, o que motivou a intervenção energica e decisiva do vigário capitular de Angola.

— Senhores: lembrem-se que está presente e é presidente desta assembleia a Terceira pessoa da Santíssima Trindade!

Tais palavras, ditas por aquele prestigioso missionário dos sérios africanos, caíram sobre aquelas cabeças inflamadas pela ira, como outros tantos balões de água fria!

E que se tinham esquecido já do Espírito Santo que haviam convidado a presidir, por aquela fórmula sacramental a que ele não deixa nunca de aceder.

Retomando, por isso, cada qual o seu posto, o orador continuou:

— Reatando as minhas considerações, sr. Presidente, cumpre-me manifestar aos srs. conciliares que é inútil rebuscarmos a ambiguidade dos textos ou os sofismas cavigiosos, porque já não podemos, como outrora, enganar Deus. (*Murmúrio em toda a sala*). Sim, meus srs.: já lá vai o tempo em que a Companhia de Jesus, com a trespesa do seu probabilismo, (o sr. bispo da Guarda assoe com violência) justificou ou pôz em dúvida, todo e qualquer pecado, ainda o mais nefando. Não se iludam, srs., nem queiram iludir o Pai do Céu, que em nossos corações e em nossos cérebros estão tendo como num livro aberto. Porque Deus, fiquem-no sabendo os srs. bispos, é ainda omnisciente. (*Rumor nalgumas bancadas*). Por isso, se julgas que, invocando razões de conveniência social ou política, corrompes a Sabedoria Divina, estais em ilusão perfeita. Porque, além de ser inteligente, Deus é um recto Juiz que não se deixa corromper. (O sr. bispo coadjutor de Braga, faz menção de intervir, a que não dá tempo e veementemente caudilho da supremacia divina).

— Deus é grande!, exclamou um dia um conceituado peregrino. É eu acrescento: — Srs. bispos e teólogos: Deus é maior do que julgais!

— Ao ouvir estas palavras, o sr. bispo da Guarda, que é autor de várias horas piedosas, avança, erguendo nas mãos trémulas um pequeno *Manual da Doutrina Cristã*, dizendo ao mesmo tempo:

— Deus, o verdadeiro Deus está aqui. Oiça o sr. Coelho...

— Homenzinho de Deus, responde com gestos de piedade o incrédulo, feche a carniça e deixe isso connosco...

— Dá-me licença?

— Era o sr. arcebispo de Évora.

— Têm V. Rev.<sup>o</sup> o que deseja.

— E' para lhe observar que estamos fora do assunto, que é — se devemos ou não consentir que as mulheres tomem ou não parte nas cerimónias culturais. E já que me permite interromper-vos, vou declarar que voto pela afirmativa, porque na minha diocese os sacerdotes não bastam às necessidades espirituais e os leigos não se prestam a isso. Quando se convide alguém para ajudar à missa, ainda que seja um garoto da rua, diz sempre que tem mais que fazer. Em tais casos só nos resta solicitar as piedosas mulheres (*murmúrios maliciosos ao ouvido de vários assistentes*) para que nos prestem os serviços que estejam ao seu alcance.

— Mas, Rev.<sup>o</sup> prelado; ao alcance das

mulheres estão os serviços mais abomináveis. Esclareça, sr., porque eu tremo pelas conclusões dessas premissas.

— Perdão. Eu limito-lhe o âmbito aos exercícios piedosos.

— A teologia, sr., mormente a que aparece com as inovações do séc. 16 e 17, pode justificar os actos mais libidinosos, à sombra de preceitos canónicos. Lembre-se da grande febre espanhol, de que fala o cónego Lloronte: a pretexto da virtude e para lhes aspigar as torturas da carne, teve cónsplices com todas as freiras dumha comunidade, com exceção de duas, que eram velhas e feias. Vem na *Histoire Critique de l'Inquisition d'Espagne*, tom. 3.

— Deixe-me, que lhe observe: a mulher não é tão má, como o reverendo a está fazendo.

— Nem tão boa como V. Rev.<sup>o</sup> a quer.

Tomás da FONSECA

(Conclui amanhã)

(I) Genesis, 49, 25.

## CONSELHO TÉCNICO — DOS — TRABALHADORES DO TRAFEGO DO PORTO DE LISBOA

O Conselho Técnico deste Organismo comunitário às Agências de Navegação, Consignatários e Comércio em geral, de que procede as cargas e descargas nos Entrepontos do Porto de Lisboa, com a máxima rapidez e boa execução, sob condições consentâneas de preço

Escríptorio: Largo do Marquês do Lavradio 6, 1.<sup>o</sup>  
Tel. 629 Central — Praça do COMÉRCIO

## CONFERÊNCIAS

### Sindicato dos Profissionais da Imprensa

Na sede do Sindicato dos Profissionais da Imprensa realizou a sua anuenciada conferência o nosso camarada Artur Portel, que dissertou largamente sobre o jornalismo moderno. Faz o elogio dos modernos processos do jornalismo, salientando várias figuras que pelos jornais têm passado.

Terminou por afirmar que nenhum jornalista pode abandonar a sua profissão por qualquer outra, pois que sendo o jornal mais absorvente como de facto é, nela se queimam todas as energias.

A próxima conferência realizar-se há na quinta-feira próxima, sendo conferente o jornalista cubano sr. D. Eduno Mora.

### O valor social do Naturismo

Sob este título realiza amanhã o nosso camarada Mário Domingues uma conferência na Sociedade Naturista, rua da Madalena, 225, 1.<sup>o</sup>, às 21 horas, em que encarár-se o ideal naturista sob um novo aspecto de grande interesse para os idealistas de grande escola.

— Não apoiado!

Era o sr. bispo do Funchal que se erguera do canto onde tinha recolhido o seu espanto.

— Senhor bispo, regresse ao prudente silêncio a que se recolheu, ou se quiser, à sua ilha do Atlântico e deixe em paz nossas ovelhas.

— Não apoiado! Fora, foral!

Era o tumulto, desencadeado pelas palavras pouco serenas do orador. Alguns bispos chegaram, mesmo a pegar em cadeiras para agredir o insolente, o que motivou a intervenção energica e decisiva do vigário capitular de Angola.

— Senhores: lembrem-se que está presente e é presidente desta assembleia a Terceira pessoa da Santíssima Trindade!

Tais palavras, ditas por aquele prestigioso missionário dos sérios africanos, caíram sobre aquelas cabeças inflamadas pela ira, como outros tantos balões de água fria!

E que se tinham esquecido já do Espírito Santo que haviam convidado a presidir, por aquela fórmula sacramental a que ele não deixa nunca de aceder.

Retomando, por isso, cada qual o seu posto, o orador continuou:

— Reatando as minhas considerações, sr. Presidente, cumpre-me manifestar aos srs. conciliares que é inútil rebuscarmos a ambiguidade dos textos ou os sofismas cavigiosos, porque já não podemos, como outrora, enganar Deus. (*Murmúrio em toda a sala*). Sim, meus srs.: já lá vai o tempo em que a Companhia de Jesus, com a trespesa do seu probabilismo, (o sr. bispo da Guarda assoe com violência) justificou ou pôz em dúvida, todo e qualquer pecado, ainda o mais nefando. Não se iludam, srs., nem queiram iludir o Pai do Céu, que em nossos corações e em nossos cérebros estão tendo como num livro aberto. Porque Deus, fiquem-no sabendo os srs. bispos, é ainda omnisciente. (*Rumor nalgumas bancadas*). Por isso, se julgas que, invocando razões de conveniência social ou política, corrompes a Sabedoria Divina, estais em ilusão perfeita. Porque, além de ser inteligente, Deus é um recto Juiz que não se deixa corromper. (O sr. bispo coadjutor de Braga, faz menção de intervir, a que não dá tempo e veementemente caudilho da supremacia divina).

— Deus é grande!, exclamou um dia um conceituado peregrino. É eu acrescento: — Srs. bispos e teólogos: Deus é maior do que julgais!

— Ao ouvir estas palavras, o sr. bispo da Guarda, que é autor de várias horas piedosas, avança, erguendo nas mãos trémulas um pequeno *Manual da Doutrina Cristã*, dizendo ao mesmo tempo:

— Deus, o verdadeiro Deus está aqui. Oiça o sr. Coelho...

— Homenzinho de Deus, responde com gestos de piedade o incrédulo, feche a carniça e deixe isso connosco...

— Dá-me licença?

— Era o sr. arcebispo de Évora.

— Têm V. Rev.<sup>o</sup> o que deseja.

— E' para lhe observar que estamos fora do assunto, que é — se devemos ou não consentir que as mulheres tomem ou não parte nas cerimónias culturais. E já que me permite interromper-vos, vou declarar que voto pela afirmativa, porque na minha diocese os sacerdotes não bastam às necessidades espirituais e os leigos não se prestam a isso. Quando se convide alguém para ajudar à missa, ainda que seja um garoto da rua, diz sempre que tem mais que fazer. Em tais casos só nos resta solicitar as piedosas mulheres (*murmúrios maliciosos ao ouvido de vários assistentes*) para que nos prestem os serviços que estejam ao seu alcance.

— Mas, Rev.<sup>o</sup> prelado; ao alcance das

## ACTIVIDADE SINDICAL

### O movimento internacional do operariado da construção civil

#### Relatório do delegado da Federação Portuguesa que foi a Lyon participar de várias reuniões importantes

A Conferência Internacional da Construção Civil presidiu o camarada Schapiro, delegado da A. I. T.

O presidente pede para que se passe imediatamente aos trabalhos práticos, dizendo: Todos receberam os estatutos da comissão provisória; todos sabem do que se trata, os camaradas já discutiram no nosso congresso o assunto, e o melhor seria conceder a palavra ao secretário provisório da Conferência Internacional para que ele nos dê umas conclusões.

— Sem relações internacionais — diz — não teremos a possibilidade de fiscalizar os nossos membros.

— Nada nos separa hoje, talvez uma simples troca de duas ou três palavras sobre os estatutos; não é uma questão de palavras, mas uma questão de sentido. As organizações da Holanda e Suécia, responderam aceitando os estatutos elaborados, a F. C. Portuguesa também: existe uma maneira de ver comum sobre os estatutos.

O presidente: — Na ordem do dia publicada pela «Voz do Trabalho» diz-se que se proceder à eleição da comissão verificadora de mandatos; não devemos perder o nosso tempo; os camaradas têm os seus mandatos consigo e entregá-los-hemos a futura organização.

— Boisson: — Pergunta quais são as organizações que foram convocadas para participar da conferência.

O presidente: — Indica que o México e a Argentina foram convocados, mas que as suas respostas não poderão chegar a tempo. No entanto estas duas organizações aderirão à futura Internacional.

— Eis as centrais que deviam assistir à Conferência Internacional: Alemanha, Holanda, Suécia, Portugal, Bélgica, México, Argentina, Espanha e Noruega.

— Na Noruega existe uma única central operária composta quase exclusivamente de operários da construção civil.

— Boudoux: — Diz que em princípio a constituição da Federação Internacional da Construção Civil encarregou de iniciar os trabalhos nesse sentido. A central da C. Civil alemã aceitou e pusera-se em relações com a camarada Bath. Houve uma conferência em Dusseldorf. Nesta conferência, as duas organizações iniciadoras prepararam cada uma o seu projeto de estatutos; após uma conferência realizada em Berlim, unificaram-se os estatutos, e elaborado o projeto foi enviado um apelo a todas as organizações da C. Civil sindicalistas revolucionários: França, Alemanha, Portugal, Bélgica, etc. A A. I. T. recebeu um pedido para encarregar de iniciar os trabalhos nesse sentido.

— O orador desejava que como se acaba de constituir a C. O. T. Sindicalista Revolucionária aderente à A. I. T., que esta convide a nova C. G. T. a fazer com que os sindicatos da C. Civil que não são aderentes à respectiva Federação, dessem ingresso na mesma, bem como a Federação Internacional que se acaba de constituir; porque não possuímos sindicatos da C. Civil susceptíveis de entrar na nova C. G. T., e que não pertencem ainda à respectiva Federação.

— Trata-se, evidentemente, dum inqualificável abuso. Sim, abusa-se dum situação de crise, da qual não são culpados os operários. E, o que é pior, pretende-se agravar essa crise, colocando os operários em condições de não poder adquirir o que necessitam, e este facto ainda agrava mais a crise geral.

— O orador desejava que como se acaba de constituir a C. O. T. Sindicalista Revolucionária aderente à A. I. T., que esta convide a nova C. G. T. a fazer com que os sindicatos da C. Civil que não são aderentes à respectiva Federação, dessem ingresso na mesma, bem como a Federação Internacional que se acaba de constituir; porque não possuímos sindicatos da C. Civil susceptíveis de entrar na nova C. G. T., e que não pertencem ainda à respectiva Federação.

— Com o que se passa tem um aspecto ainda mais grave. Esta redução surge no preciso momento em que sobe o custo da vida — o que é espantoso!

— Como é que se pode aceitar uma redução nos preços de mão de obra, no preciso momento em que o custo da vida mais penoso se apresenta a todos os trabalhadores?

— Não tem este facto todo o aspecto dum provocação à classe? Pois qual! Entendo quando era necessário aumentar os salários para atender à alta constante do custo das subsistências é que se reduz os salários?

— Não pode ser! Não pode ser e não será! Além dum maior prejuízo trata-se também dum apreciamento da dignidade da própria classe. Eis a extorsão aliada a um vêxame! As necessidades e o sentimento de dignidade e os preços de mão de obra?

— Trata-se, evidentemente, dum inqualificável abuso. Sim, abusa-se dum situação de crise, da qual não são culpados os operários. E, o que é pior, pretende-se agravar essa crise, colocando os operários em condições de não poder adquirir o que necessitam, e este facto ainda agrava mais a crise geral.

— Agradecemos aos camaradas Lainsk e Butch os esforços que dispenderam. A situação hoje está clara, é éntitular abrir discussão sobre o preâmbulo, e julgo que nos poderíamos dedicar à obra